



***MASCULINIDADES DISSIDENTES NO ENVELHECIMENTO:  
SEXUALIDADE, REDES E BEM-ESTAR ENTRE HOMENS GAYS 40+***

***MASCULINIDADES DISIDENTES EN EL ENVEJECIMIENTO:  
SEXUALIDAD, REDES Y BIENESTAR ENTRE HOMBRES GAIS DE 40 AÑOS +***

***DISSIDENT MASCULINITIES IN AGING: SEXUALITY, NETWORKS, AND  
WELL-BEING AMONG GAY MEN AGED 40 AND OVER***

*Sirlene Mathias da Veiga<sup>1</sup>*

*Gustavo de Oliveira Duarte<sup>2</sup>*

*Marlon Crestani Garcia<sup>3</sup>*

*Quenia Rosa Gonçalves<sup>4</sup>*

*Sônia Elisa Kuhn<sup>5</sup>*

**RESUMO**

Este artigo analisa como homens gays a partir de 40 anos articulam sexualidade, sociabilidade e qualidade de vida ao longo do curso de vida, diante da transição demográfica e invisibilidade nos censos demográficos. Objetivou-se compreender de que modo a sexualidade se conecta a percepção de bem-estar e sociabilidade. Trata-se de um estudo qualitativo com cinco participantes; utilizando-se entrevistas semiestruturadas, transcritas e submetidas à análise temática (Minayo, 2009). Emergiram seis eixos: repressão identitária; sexualidade como resistência; espiritualidade e cuidado de si; invisibilidade e reconhecimento; redes e qualidade de vida; finitude. Os achados indicam coexistência de ageísmo e estigma sexual-de-gênero com reinvenção identitária, famílias escolhidas e erotismo centrada na intimidade, afeto e autonomia, menos focado na genitália, ampliando

<sup>1</sup> Mestra em Gerontologia. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

<sup>2</sup> Doutor em Educação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

<sup>3</sup> Mestrando em Ciências do Movimento e Reabilitação. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

<sup>4</sup> Mestra em Gerontologia. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

<sup>5</sup> Mestranda em Gerontologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil

suporte e bem-estar. Conclui-se que essa reconfiguração da sexualidade opera como vetor protetivo em saúde e demanda de marcadores de orientação sexual e identidade de gênero nos censos produzindo informações para políticas intersetoriais equitativas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Masculinidades. Envelhecimento. Sociabilidade. Qualidade de vida.

## RESUMEN

Este artículo examina cómo hombres gays de 40 años o más articulan sexualidad, sociabilidad y calidad de vida a lo largo del curso de vida, en contexto de transición demográfica e invisibilidad censal. Se buscó comprender cómo la sexualidad se conecta con percepción de bienestar y sociabilidad. Estudio cualitativo con cinco participantes, mediante entrevistas semiestructuradas, transcritas y sometidas a análisis temático (Minayo, 2009). Emergieron seis ejes: represión identitaria; sexualidad como resistencia; espiritualidad y cuidado de sí; invisibilidad y reconocimiento; redes y calidad de vida; y finitud. Los hallazgos muestran coexistencia de edadismo y estigma sexo-género con reinención identitaria, familias elegidas y un eroticismo menos centrado en la genitalidad y más en intimidad, afecto y autonomía, ampliando apoyos y bienestar. Se concluye que tal reconfiguración opera como factor protector de salud y exige incorporar marcadores de orientación sexual e identidad de género para orientar políticas intersectoriales equitativas.

**PALABRAS-CLAVE:** Masculinidades. Envejecimiento. Sociabilidad. Calidad de vida.

## ABSTRACT

This article analyzes how gay men aged 40 and over articulate sexuality, sociability, and quality of life across the life course, against the backdrop of demographic transition and invisibility in population censuses. The objective was to understand how sexuality connects with perceived well-being and sociability. This qualitative study included five participants and used semi-structured interviews, transcribed and subjected to thematic analysis (Minayo, 2009). Six themes emerged: identity repression; sexuality as resistance; spirituality and self-care; invisibility and recognition; networks and quality of life; and finitude. Findings indicate the coexistence of ageism and sex-gender stigma with identity reinvention, chosen families, and an eroticism less centered on genitality and more on intimacy, affection, and autonomy, thereby expanding support and well-being. We conclude that this reconfiguration of sexuality operates as a protective factor for health and requires incorporating sexual orientation and gender identity (SOGI) markers to generate information for equitable, intersectoral policies.

**KEYWORDS:** Masculinities. Aging. Sociability. Quality of life.

\*\*\*

## Introdução

O envelhecimento da população brasileira tem ocorrido de maneira acelerada, trazendo novos desafios sociais e culturais (José Victor de Oliveira Santos e Ludgleydson Fernandes de Araújo, 2021 p. 971). Dentro desse contexto, destacam-se as chamadas velhices dissidentes, que representam trajetórias de envelhecimento fora dos padrões heteronormativos convencionais. Apesar da orientação sexual e identidade de gênero não estarem presentes no censo demográfico brasileiro, a Pesquisa Nacional de Saúde (BRASIL.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE 2023, p. 24) mostrou que 1,8% da população brasileira se identificaram como LGBTQIA+<sup>6</sup>. Como observa Richard Miskolci (2016), seguimos presos a uma lógica binária de gênero e sexualidade que define o “normal” e empurra o que escapa à norma para as margens; reconhecer esses trânsitos é condição para tornar vidas dissidentes inteligíveis e reconhecíveis. Homens gays com 40 anos ou mais são um exemplo dessas masculinidades dissidentes, vivendo fora do modelo hegemônico heterossexual. Ao longo da maturidade, esses homens enfrentam formas específicas de estigma e invisibilidade, que resultam tanto da falta de reconhecimento social quanto da ausência de políticas públicas voltadas para suas necessidades (Guacira Lopes Louro 2001; Eliseu Riscaroli, 2016 p. 36).

Historicamente, o envelhecimento tem sido tratado de forma homogênea, desconsiderando as diversidades de gênero e sexualidade, sendo ainda comum a ideia de que a velhice é assexuada e que a sexualidade perde importância com o avançar da idade (Judith Butler 2019). Essa visão reflete mitos geracionais que contribuem para a negação das diferenças individuais no envelhecimento. Para homens gays, esse desafio é ainda mais complexo, pois, além do ageísmo, que é o preconceito contra a idade, eles enfrentam o estigma da homossexualidade em uma geração que viveu sob forte repressão moral e legal (Riscaroli 2016 p.36). A vivência da sexualidade por essas gerações está marcada pela homofobia internalizada, muitas vezes causando arrependimento e sofrimento, como demonstrado em estudos realizados por Ricardo Iacub et al. (2019) e Santos e Araújo (2021 p. 971).

Nas últimas décadas, o Brasil tem avançado em questões legais e sociais, como a união estável homoafetiva e a criminalização da homofobia, permitindo maior visibilidade e aceitação dos direitos da comunidade LGBTQIA+. No entanto, as gerações mais velhas de homens gays, que cresceram em um ambiente de intensa homofobia institucional e familiar, vivenciaram grande parte de suas vidas em silêncio, reprimindo sua sexualidade por medo de violência e preconceito (Santos e Araújo, 2021 p. 971). Isso levou à chamada "dupla vulnerabilidade", combinando o preconceito etário com o estigma por orientação sexual, o que gera impactos negativos na saúde e bem-estar desses indivíduos na velhice (Karen I Fredriksen-Goldsen et al. 2011 p. 3).

---

<sup>6</sup> LGBTQIA+ é uma sigla que abrange pessoas que não se identificam com a heterossexualidade ou com o gênero atribuído ao nascer. As letras representam: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer e Assexuais. O sinal “+” indica a abertura para a inclusão de outras identidades e orientações, evidenciando o caráter dinâmico e em constante atualização da sigla (Bortoletto, 2019).

Este estudo tem como objetivo compreender como homens gays com 40 anos ou mais articulam a sexualidade, a sociabilidade e a qualidade de vida no envelhecimento, com foco em como a sexualidade desses indivíduos se conecta às suas redes de sociabilidade e à percepção de bem-estar. O estudo também busca entender as especificidades das masculinidades dissidentes desses homens, contribuindo para a visibilidade de um grupo frequentemente negligenciado nas pesquisas e nas políticas públicas. Com uma abordagem interdisciplinar, que dialoga com a gerontologia crítica, os estudos de gênero/queer e a psicologia social, o estudo visa identificar os desafios e as potencialidades do envelhecimento gay, respeitando as trajetórias individuais e evitando generalizações indevidas (Butler, 2019; Dagmar Estermann Meyer; André Luiz dos Santos Silva, 2020).

### **Envelhecimento, sexualidades e masculinidades dissidentes**

A sexualidade no envelhecimento tem recebido atenção crescente, desafiando a noção de que desejo e vida sexual “expiram” na velhice (Riscaroli, 2016. p. 36). A gerontologia sustenta que a expressão sexual integra o envelhecimento ativo e saudável, em consonância com diretrizes da Organização Mundial da Saúde (OMS). Persistem, contudo, tabus que invisibilizam experiências sexuais de pessoas idosas, sobretudo quando dissociadas da norma heterossexual. Nesse cenário, homens gays idosos enfrentam a intersecção entre etarismo e heteronormatividade, o que produz marginalização inclusive intracomunitária (Louro, 2001; Butler, 2019).

As evidências mostram maior probabilidade de viver só, sem filhos e com menor apoio familiar entre homens gays idosos; configurando risco de isolamento e reforçando o papel central de amigos e parceiros eventuais na proteção do bem-estar (Santos e Araújo, 2021 p. 971; Fredriksen-Goldsen et al, 2011). No plano erótico, observa-se um duplo movimento: o desejo persiste, mas a experiência sexual se reconfigura na maturidade, com maior centralidade de intimidade e afeto e menor ênfase na performance genital, frequentemente como forma de conexão, identidade e resistência às normas heterocisnormativas (Santos e Araújo, 2021p. 971; Riscaroli, 2016 p. 36).

O conceito de masculinidades dissidentes ilumina esse percurso: ao distanciar-se do modelo hegemônico que associa masculinidade à virilidade, força e heterossexualidade, homens gays foram historicamente desqualificados como “menos homens”, experiência atravessada por processos de socialização marcados por repressão identitária e impactos duradouros na autoaceitação e saúde mental (Butler, 2019; Louro, 2001). Apesar disso, a velhice pode abrir uma janela de liberdade e ressignificação: muitos reavaliam prioridades,

reelaboram afetos e sexualidade, e desafiam estereótipos de assexualidade, convertendo a longevidade em terreno fértil para expressão autêntica da identidade (Jeffrey Weeks 1983, Santos e Araújo, 2021 p. 971).

### Metodologia

Trata-se de estudo qualitativo, de caráter descritivo-exploratório, adequado para apreender sexualidade e envelhecimento como fenômenos subjetivos e multifacetados. Os dados foram produzidos por entrevistas semiestruturadas em profundidade, contemplando trajetórias de vida, sociabilidade, saúde, afetividade e percepções do envelhecer. Adotou-se amostragem em bola de neve, apropriada a populações minoritárias, com os seguintes critérios de inclusão: homens cisgêneros, gays, com 40 anos ou mais, residentes no Rio Grande do Sul. O recorte etário ancora-se na perspectiva do curso de vida, permitindo identificar marcadores precoces do envelhecimento dissidente. Cinco participantes compuseram o corpus; as entrevistas ( $\approx 2-3$  h) foram gravadas mediante consentimento, transcritas integralmente e conduzidas sob escuta qualificada e não julgadora. O estudo foi aprovado pelo CEP/UFSM (Res. CNS 466/2012), com garantia de TCLE, anonimato e confidencialidade. Pela pequena amostra intencional, os achados indicam tendências e não se prestam à generalização estatística, preservando, contudo, profundidade compreensiva.

Participaram cinco homens que atenderam aos critérios deste artigo. O perfil sociodemográfico do grupo encontra-se sintetizado na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos Participantes

| Pseudônimo | Idade | Raça/cor | Escolaridade          | Ocupação                              | Religião        |
|------------|-------|----------|-----------------------|---------------------------------------|-----------------|
| Zeca       | 66    | Preto    | Ensino médio completo | Aposentado                            | Matriz africana |
| Caio       | 48    | Branco   | Pós-graduação         | Médico veterinário e gestor acadêmico | Não mencionada  |
| Elias      | 54    | Preto    | Ensino superior       | Pai de santo (líder religioso)        | Matriz africana |
| Axel       | 63    | Branco   | Pós-graduação         | Médico                                | Espírita        |
| Léo        | 51    | Branco   | Pós-graduação         | Empresário                            | Agnóstico       |

O corpus foi analisado por análise temática de conteúdo (Minayo, 2009), em percurso indutivo e iterativo (leitura flutuante, codificação inicial, categorização, interpretação). Na codificação, trechos receberam códigos descritivos alinhados aos eixos analíticos (por exemplo: “repressão familiar”, “rede de amigos”, “preconceito no trabalho”, “saúde

sexual”). A comparação e o agrupamento por similaridade resultaram em seis temas centrais: (1) silenciamento e repressão identitária; (2) sexualidade como expressão e resistência; (3) espiritualidade e cuidado de si; (4) invisibilidade social e luta por reconhecimento; (5) redes de apoio e qualidade de vida; (6) finitude e perspectivas de futuro. Esses núcleos de sentido sintetizam recorrências e especificidades e iluminam a articulação entre sexualidade, sociabilidade e qualidade de vida nas trajetórias de envelhecimento dissidente. A interpretação foi conduzida em diálogo com estudos de gênero/queer, gerontologia e psicologia social, evitando descrições anedóticas e garantindo coerência teórico-empírica

### **Resultados e discussão**

Os achados provenientes das entrevistas, articulados aos eixos temáticos acima foram discutidos à luz da literatura, de modo a oferecer uma compreensão contextualizada e aprofundada das dinâmicas observadas. Importa salientar que, embora apresentados separadamente por razões analíticas, tais eixos são interdependentes na vida concreta dos participantes, assim como sexualidade, sociabilidade e qualidade de vida se imbricam em suas experiências.

Um primeiro núcleo de resultados diz respeito às vivências de silenciamento, repressão e negação da identidade na trajetória desses homens, especialmente na infância, adolescência e adultos jovens. Todos os participantes relataram, em maior ou menor grau, pressões normativas para se adequarem às expectativas de gênero e à heterocisnormatividade, o que os levou a ocultar ou reprimir sua orientação sexual por longos períodos. A família emergiu como o primeiro cenário dessa pedagogia repressiva. Léo (51 anos) contou que desde menino era apontado como “afeminado” e que seu pai tentava “corrigi-lo”: “Meu pai me vestia com chuteira e me levava pro futebol porque queria que eu fosse jogador. Eu não me encaixava” (Léo, 51 anos). Caio (48 anos), por sua vez, mencionou ter chorado por perceber que “queria ser como os outros meninos e não conseguia”, indicando uma tomada de consciência precoce de sua diferença e da não aceitação. Esses depoimentos ilustram mecanismos familiares de disciplina (imposição de esportes “masculinos”, vigilância de comportamentos) que visam alinhar os sujeitos à matriz heteronormativa. Como discutem Louro (2001; 2018) e Butler (2019), tal socialização coercitiva produz sujeitos que aprendem haver algo de “errado” em expressar gênero/sexualidade fora do padrão, retroalimentando vergonha e auto ocultação.

A repressão familiar se somou ao silêncio quase absoluto acerca do tema: “Meu pai nunca me perguntou o que eu sentia. [...] Minha mãe dizia que achava que eu era [gay], mas

nunca falou comigo” (Caio, 48 anos). A fala evidencia a negação por omissão, forma de não reconhecimento e violência simbólica. Caio classificou a vivência juvenil como uma existência “diferente”, marcada por isolamento doméstico e pelo medo de represálias. assumindo-se publicamente apenas na fase adulta, após já ter vivido casamento heterossexual. Nesse estudo, casos como o de Caio ilustram a chamada homofobia internalizada, onde apesar de reconhecer seus desejos homoafetivos na juventude, os reprimiu por medo, culpa e normas sociais, vivendo a homossexualidade de forma reservada, sem um processo explícito de assumir-se, embora com profundo autoconhecimento íntimo. A literatura confirma que essa geração cresceu sem referências positivas sobre ser gay e frequentemente internalizou a homofobia social, onde muitos homens gays mais velhos receberam uma educação sexual repressora e moralista, o que torna compreensível os preconceitos contra si próprios que carregaram por muito tempo (Gabriel Guimarães Rocha, Jackellyne Alves Peres Gomes, Viviane Lemos Silva Fernandes, 2021 p. 112).

Esse prolongado silenciamento traz consequências para a qualidade de vida e saúde mental. Alguns participantes relataram períodos de depressão, ansiedade e sentimento de inadequação durante a vida adulta, atribuídos à necessidade de esconder quem realmente eram.

Um ponto importante é que, embora todos os entrevistados tenham eventualmente rompido o silêncio e passado a viver mais abertamente como homens gays, isso só foi ocorrer geralmente na meia-idade. Envelhecer, para eles, paradoxalmente significou libertar-se de alguns medos. Muitos apontaram que, ao chegar aos 40 ou 50 anos, sentiram menor necessidade de provar algo a alguém e maior desejo de viver de forma autêntica. Esse processo de libertação tardia reflete o conceito de “*second chance*” proposto por alguns gerontólogos, a ideia de que a vida adulta madura oferece oportunidades de revisão e mudança de rumos. Ao mesmo tempo, denota também a resistência política intrínseca no ato de finalmente expressar-se. Butler (2019) argumenta que, para sujeitos queer, afirmar a própria identidade perante uma sociedade excludente é um ato político e essencial para a dignidade. Sujeitos queer não se constituem em identidades fixas, mas posições de sujeito produzidas performativamente que desestabilizam a suposta ligação natural entre sexo, gênero e desejo. A teoria queer destaca a instabilidade dos significados e os deslocamentos de sentido (*différance*), rompendo enquadramentos heterocisnormativos. No Sul Global, essa abordagem é reapropriada por chaves decoloniais (*cuir/kuir*), articulando raça, classe, etnia, geração e deficiência para politizar a subalternização e disputar os sentidos do corpo e da masculinidade. Assim, “sujeitos queer” designam posições críticas, contingentes e

antiessencialistas que performam o gênero em aberto e tomam a diferença como operador político central. (Leandro Teófilo de Brito, 2021)

A fala de Zeca (66 anos) exemplifica isso: “Expressar quem sou, depois de tudo, é meu grito de liberdade. É político, porque por muito tempo quiseram apagar minha história” (Zeca, 66 anos). Essa conscientização de si como sujeito político apareceu especialmente nos participantes mais engajados em coletivos. Para eles, lembrar e honrar essas histórias de opressão e luta é parte do processo de afirmar a própria identidade hoje, como se carregar o legado de resistência conferisse sentido ao próprio envelhecer. É a dimensão intergeracional da resistência dissidente: ao sair do silêncio, esses indivíduos não o fazem apenas por si, mas também para que as conquistas atuais não sejam descontextualizadas da história de dor e combatividade que as possibilitou.

Em síntese, os homens gays investigados enfrentaram, desde cedo, expectativas e pressões para se conformarem à masculinidade normativa, o que impactou profundamente seu percurso de vida. As sequelas, seja em forma de sofrimento psíquico, seja em decisões adiadas, foram sentidas. Todavia, ao mesmo tempo, suas trajetórias mostram agências: ao envelhecer, eles reencontraram sua voz e passaram a ressignificar aquele passado de silêncio em uma narrativa de orgulho e até de dever com a comunidade, contando a sua história para que outras não precisem mais se calar. Essa inversão do estigma internalizado em fonte de força é um elemento crucial para a qualidade de vida.

O segundo eixo temático diz respeito à vivência da sexualidade na maturidade como dimensão de expressão pessoal e de resistência às normatividades. Após décadas vivendo com culpa ou sigilo, os participantes destacaram que, na idade atual, encaram sua sexualidade com muito mais liberdade e naturalidade. Na maturidade, a sexualidade é (re)significada como espaço de autenticidade, prazer e liberdade, operando também como ato político de resistência às normas heterocisnormativas (Gayle Rubin, 1989 p.71; Louro, 2018). Longe de se reduzir à genitalidade, emerge como prática de reinvenção de si e de afirmação de direitos, com o corpo entendido como território simbólico e culturalmente construído (Le Breton 2007). Essa “erótica do envelhecimento” articula desejo, cuidado e reconhecimento, confrontando o mito da assexualidade na velhice (Fernando Altair Pochay 2012; Gustavo de Oliveira Duarte, 2013).

Caio (48 anos) resumiu: “A sexualidade na maturidade é vivida com mais qualidade, conexão e sensibilidade”. Esse depoimento condiz com achados de estudos que apontam maior satisfação sexual em adultos mais velhos que conseguem manter atividade sexual, pois tendem a focar em aspectos qualitativos da experiência (intimidade, comunicação,

conhecimento do próprio corpo e do parceiro) em vez de performance ou quantidade de parceiros.

Todos os participantes relataram estar sexualmente ativos, desconstruindo o estereótipo da abstenção sexual na velhice. Ao contrário, expressaram que consideram o sexo importante para seu bem-estar físico e emocional. Axel (63 anos), que é casado, disse que a vida sexual do casal continuava “rica, porém diferente de quando jovens”. Ele explicou que com o tempo aprenderam a valorizar outras formas de intimidade: “O beijo de língua, se for bem feito, leva a uma transcendência muito maior do que a própria ejaculação” (Axel, 63 anos). Essa afirmação ilustra a desgenitalização parcial da sexualidade que alguns participantes descreveram. Ou seja, a relação sexual não se resume ao coito ou à ereção, mas envolve carícias, beijos, afeto, passando a ter um significado mais amplo de conexão humana. Axel, em particular, fez referência à ideia de erotismo como “experiência transcendental”, quase espiritual, revelando um olhar refinado sobre a sexualidade integrada à sua filosofia de vida, ressaltando a influência da espiritualidade na forma de encarar o corpo e o prazer. Esse tipo de discurso desafia o imaginário coletivo que muitas vezes reduz a sexualidade gay masculina à busca por sexo casual e performance física. No envelhecimento, observa-se uma tendência de os indivíduos revisitarem o significado do erotismo em suas vidas, frequentemente ampliando-o para além do aspecto físico imediato.

Entretanto, não se pode ignorar as mudanças fisiológicas do envelhecimento, como a redução de testosterona e o envelhecimento cardiovascular, que repercutem em menor frequência e facilidade de ereções e, por vezes, em queixas de saúde sexual (disfunção erétil, queda de libido). No presente estudo, o tema foi abordado sem constrangimento: observou-se postura de aceitação ativa das limitações e a adoção de estratégias de manejo, incluindo o uso eventual de sildenafil (Viagra®) e terapia de reposição hormonal com acompanhamento médico, com avaliação de riscos e benefícios. Essa busca por soluções biomédicas reflete tanto desejos individuais de manutenção do prazer quanto pressões socioculturais que vinculam potência erétil à identidade masculina; como argumentam Santos e Araujo (2021 p.971), a ereção permanece um marcador simbólico relevante de masculinidade, e sua ausência produz conflitos subjetivos. Achados de Riscaroli (2016 p.36) convergem nessa direção: 26,6% dos homens gays 40+ relataram incômodo com impotência sexual, proporção semelhante à preocupação com traição do parceiro, evidenciando o peso simbólico do desempenho sexual nesse grupo.

Contudo, ao mesmo tempo em que lidam com essas mudanças, os entrevistados deste estudo enfatizaram a continuidade do desejo. “O sexo, por sexo, tu fica sempre naquele

vazio. [...] Chega um ponto que vai sentir falta disso. [...] Vai sentir falta do amor do teu lado.” (Axel, 63 anos). Ele explicou que, quando mais jovem, buscava sexo casual mais intensamente, enquanto hoje prefere qualidade a quantidade. Há uma sabedoria implícita nessa adaptação: reconhecer que a sexualidade é parte de um conjunto de interesses e prazeres que compõem a qualidade de vida. Essas experiências revelam a busca por vínculos estáveis e respeitosos, ao mesmo tempo em que expõem exclusões intra e extracomunitárias (Juliana Fernandes-Eloi, Aluísio Ferreira de Lima, Anne Joyce Lima Dantas, 2024 p. 143 ; Hiago Veras Gomes et al., 2020). Ainda assim, a maturidade sustenta formas éticas de encontro centradas em qualidade, segurança e autoconhecimento (Rocha; Gomes, Fernandes, 2021 p. 112; Guita Grin Debert, 2004).

A revalorização do prazer e do afeto na maturidade funciona como reparação das interdições precoces, ampliando bem-estar, autonomia e sentido de vida. Ao articular desejo, cuidado e reconhecimento, a sexualidade no envelhecer confronta o mito da assexualidade, afirma direitos e inscreve a existência de homens gays como prática de resistência e de construção de subjetividades (Pocahy, 2012; OPAS - Relatório de progresso sobre a Década do Envelhecimento Saudável das Nações Unidas, 2021).

Evidenciam-se manifestações de ageísmo sexual que operam como policiamento do desejo na velhice, inclusive em círculos de proximidade e entre pessoas mais jovens. Em um estudo realizado por Santos e Araújo (2021 p. 971), participantes revelam uma interpelação ofensiva que pressupõe a “impossibilidade” ou “impropriedade” do sexo na idade avançada, exemplifica esse mecanismo de regulação moral: naturaliza a dessexualização do idoso, deslegitima a cidadania erótica de homens gays mais velhos e produz efeitos concretos de silenciamento (evitação de demonstrações de afeto, autocensura em ambientes e aplicativos, retraimento subjetivo). Em termos analíticos, trata-se de uma violência simbólica que articula etarismo e heteronormatividade, reafirmando hierarquias etárias no campo sexual e tensionando a autoestima e o bem-estar desses sujeitos.

“Eu virei fetiche.” (Léo, 51 anos)

“Sofro muito com isso, das pessoas verem a gente como objeto sexual.” (Elias, 54 anos)

Tais falas refletem um ageísmo sexual, a crença de que sexo é território dos jovens, que atinge tanto heteros quanto homossexuais, porém com nuances particulares para os gays: em uma cultura gay que valorizou tanto a juventude e beleza corporal, o envelhecimento pode vir carregado de desprezo (termos pejorativos “bicha velha”, às vezes usados dentro da própria comunidade). Os participantes reconheceram sentir esses olhares de desqualificação,

mas demonstraram certa resiliência, como uma forma de ativismo cotidiano, desafiando a norma que mandaria o idoso “se recolher” e ser discreto. Essa postura lembra a ideia de “camp” militante e subversão de papéis, onde existir publicamente como gay idoso e vaidoso torna-se um ato contestador contra o culto da juventude.

Em suma, a sexualidade na maturidade, para os homens gays deste estudo, se configura como um campo de reinvenção positiva. Longe de ser um aspecto em declínio irreversível, ela se transforma e adquire novas cores: menos centrada no desempenho físico-genital e mais associada a prazer, afeto e autoconhecimento. Os participantes mostraram-se conscientes tanto das limitações biológicas quanto das potências de sua vivência sexual atual. Eles driblam dificuldades através de recursos médicos quando necessário, mas sobretudo através de mudança de perspectiva, aceitando o curso natural da vida. Essa aceitação, entretanto, não significa resignação, mas sim incorporar a sexualidade de forma saudável e adaptativa dentro do processo de envelhecimento. Ao fazer isso, esses homens também resistem à narrativa da assexualidade compulsória na velhice, provando, na prática, que desejo e prazer não têm idade. A velhice LGBTQIA+ pode se tornar um terreno fértil de liberdade afetiva e autêntica na medida em que os sujeitos se libertam de imposições normativas pretéritas. Os resultados aqui discutidos reforçam essa visão, apontando a sexualidade como elemento central de qualidade de vida e de afirmação identitária para homens gays em envelhecimento.

A espiritualidade e ao cuidado de si emergiu fortemente nas falas dos entrevistados, entrelaçando com as experiências de envelhecer desses homens. A espiritualidade, seja religiosa ou não convencional, funciona como fonte de suporte emocional, sentido de vida e pertencimento comunitário, ao passo que o autocuidado em saúde é visto como responsabilidade pessoal fundamental para assegurar independência e qualidade de vida na idade avançada. Esses dois aspectos se reforçam mutuamente: a fé ou filosofia de vida muitas vezes motiva o indivíduo a se cuidar melhor, e o ato de cuidar de si (corpo e mente) pode ser vivenciado também como prática espiritual ou ética.

Observa-se que religiosidade e homossexualidade não são excludentes, ao contrário de um preconceito comum que presume que pessoas LGBTQIA+ seriam menos religiosas. Na maturidade, alguns encontraram justamente nos espaços religiosos a acolhida que faltou em outros âmbitos. Elias (54), que se tornou pai de santo, relatou que o terreiro foi seu lugar de reconstrução: “Na religião encontrei acolhimento e pertencimento”. Ele hoje é procurado por jovens LGBTQIA+ da sua cidade como guia espiritual, e se orgulha de integrar uma tradição que sempre foi inclusiva: “Nossa religião sempre foi de acolhimento. Temos pais

travestis, mães gays. Sempre houve respeito” (Elias, 54 anos), contrastando com experiências excludentes que testemunhou em igrejas cristãs.

Esse exemplo ilustra como diferentes matrizes religiosas lidam de formas diversas com a dissidência sexual: enquanto algumas denominações cristãs historicamente reprimiram e condenaram a homossexualidade, religiões de matriz africana no Brasil tendem a ser mais abertas à diversidade, possuindo inclusive figuras como entidades e posições sacerdotais ocupadas por pessoas LGBTQIA+. Zeca (66 anos), que também frequenta religião de matriz africana, afirmou que se não fosse a fé, possivelmente teria sucumbido à depressão: “A religião me deu a questão de poder me aceitar e me amar, e ser forte” (Zeca, 66 anos). Esse testemunho se alinha com achados de Mateus Egilson da Silva Alves, Nicole de Sousa Nobre, Paulo Henrique Oliveira Barbosa (2023, p. 1429), que ao analisarem idosos LGBTQIA+ notaram que muitos ressignificam crenças em direções não-institucionais, promovendo uma reconexão consigo baseada em espiritualidade libertadora. Ou seja, não necessariamente seguem dogmas tradicionais, mas constroem uma fé personalizada que celebra a própria existência em vez de negá-la.

No tocante ao autocuidado em saúde, os participantes demonstraram alta consciência sobre sua importância. Isso inclui cuidados médicos preventivos, atividade física, alimentação e saúde mental. Há possivelmente um viés de seleção aqui: a maior parte dos homens gays pesquisados possui nível educacional elevado e renda que permite acesso a planos de saúde e práticas de lazer saudáveis.

É notável o valor que eles atribuem a manter-se ativos e independentes. Muitos mencionaram temer mais a perda de autonomia funcional do que a morte em si. “Ficar doente e depender dos outros é meu maior medo”, disse Léo (51 anos). Ele faz exames médicos de rotina, mantém dieta equilibrada e nunca deixou de se exercitar.

Santos e Araújo (2021 p. 971) destacaram que, nas representações sociais dos idosos gays, o cuidado com a saúde emergiu como hábito essencial para um envelhecimento saudável, e a religiosidade apareceu como fator associado, atribuindo à fé a motivação para se cuidar.

Caio (48 anos) contribuiu com a importância do equilíbrio emocional ao buscar terapia psicológica na meia-idade para lidar com culpas do passado, o que considera ter sido um divisor de águas para o autoconhecimento.

“Rejeito os padrões estéticos, mas valorizo o corpo envelhecido com orgulho e cuidado dele” (Axel, 63 anos). A vaidade aparece como dignidade materializada e como recusa do etarismo estético, sem capitular à fantasia da juventude eterna, não por vaidade frívola, mas

como expressão de amor próprio. Aqui vemos o autocuidado como forma de empoderamento pessoal. Em contraponto à imagem do velho fragilizado e dependente, esses homens querem afirmar sua capacidade de cuidar de si e viver plenamente. Ao lado de hábitos de saúde e atenção psíquica, constituem proteções psicossociais que ampliam bem-estar e pertencimento (Opas 2021; Karen Fredriksen-Goldsen, 2023 p. 373).

Cultivar a autonomia é quase uma necessidade de sobrevivência, devido à ausência de redes de apoio sólidas, em caso de doença. Portanto, investem hoje em manter o máximo de saúde possível para prolongar essa autonomia. Em Santos e Araújo (2021 p. 971), os autores sugerem que essa alta taxa de solteiros e sem filhos indica que a autonomia acaba se tornando uma atitude e valor central para idosos gays, atrelada ao autocuidado. Nossos achados confirmam essa sugestão: há um senso de responsabilidade individual forte nesses sujeitos quanto ao próprio bem-estar.

No entanto, foi unânime também o reconhecimento de que nem tudo depende só do indivíduo. Os participantes apontaram lacunas estruturais que dificultam o autocuidado e a saúde integral de pessoas LGBTQIA+ idosas de modo geral. Uma das críticas mais contundentes veio de Zeca (66 anos), que afirmou: “Não tem políticas públicas de fato para a população LGBTQIA+ idosa”, acusando a omissão do Estado. Ele se refere à inexistência de programas específicos, casas de repouso inclusivas, treinamento de profissionais de saúde para atender idosos LGBTQIA+ com respeito (usar nome social, não presumir heterossexualidade etc.). Essa lacuna institucional faz com que o peso do cuidado recaia quase exclusivamente sobre o indivíduo e sua rede informal. Alguns entrevistados expressaram preocupação quanto ao futuro, levantando o ponto de que muitas instituições de longa permanência, não os acolham sem preconceito. Essas questões éticas e práticas estão apenas começando a ser discutidas na literatura gerontológicas. Conforme Veiga (2025) apontou, faltam instituições de longa permanência inclusivas e protocolos de cuidados paliativos que respeitem a identidade de gênero de pessoas LGBTQIA+ idosas. Essa ausência coloca esses indivíduos em situação vulnerável, podendo levá-los a evitar procurar ajuda formal por medo de discriminação. Com isso, sublinham a importância de se pensar políticas de cuidado culturalmente competentes para minorias sexuais na velhice.

Dessa forma, a espiritualidade e o autocuidado emergem como pilares no cotidiano e na subjetividade desses homens gays envelhecidos. A espiritualidade fornece sentido, comunidade e conforto emocional, enquanto o autocuidado físico/mental lhes dá controle e melhora objetiva das condições de vida. Juntos, alimentam um estilo de vida que favorece a longevidade ativa e autônoma. Porém, tais estratégias individuais não eliminam a

necessidade de apoio social mais amplo e políticas públicas adequadas. Os participantes exibem admirável proatividade, seja indo à academia, seja rezando ou meditando, seja organizando grupos de ajuda mútua, mas suas falas também ecoam um pedido de reconhecimento e amparo estrutural. Como conceitua a gerontologia crítica, o envelhecimento bem-sucedido não é só fruto de escolhas pessoais, mas também de contextos inclusivos e igualitários. No caso das masculinidades dissidentes, é imprescindível que a sociedade e o Estado também façam a sua parte para que autocuidado e espiritualidade desses indivíduos não tenham que operar isoladamente no vácuo das políticas.

O quarto eixo aborda a tensão entre invisibilidade social e a luta por reconhecimento vivenciada pelos participantes. Homens gays mais velhos frequentemente transitam entre serem invisíveis (ou ignorados) em muitos espaços sociais tradicionais e, por outro lado, empenham-se ativamente em buscar visibilidade e reconhecimento de seus direitos e identidades, seja por meio do ativismo, seja simplesmente se afirmando no convívio diário. A escassez de dados e de reconhecimento institucional reforça o apagamento; ainda assim, emergem estratégias de resistência nos micros espaços cotidianos e na militância organizada. Na ausência de espaços públicos acolhedores, redes domésticas e comunitárias (encontros em casas, rodas de conversa) operam como territórios simbólicos de existência e cuidado, resistência cultural que, embora potente, não substitui o dever estatal de garantir pertencimento intergeracional e segurança (Adriana Vaianna, Paula Lacerda, 2004; Priscila Vieira, 2024).

Os depoimentos evidenciam também, ausência de espaços LGBTQIA+ para pessoas mais velhas, onde muitos são tolerados, mas ignorados ou suprimidos do discurso, mostrando que a invisibilidade não é apenas estatística, mas relacional.

“Esses lugares não foram feitos para gente velha. A gente fica meio de lado, sem espaço.” (Zeca, 66 anos)

“Eles acham que bicha velha tem que ficar lá no canto. [...], mas se hoje vocês têm essa liberdade, é porque elas apanharam, foram pra frente da prefeitura, levaram pau da Brigada. Muitas morreram.” (Zeca, 66 anos).

Entretanto, frente a essa invisibilidade experienciada, emergem formas de luta e busca por reconhecimento. Alguns dos participantes transformaram o incômodo em ação política, integrando coletivos e conselhos municipais LGBTQIA+. Essa disposição de *advocacy* pessoal é bastante característica de uma parcela da primeira geração pós-Stonewall que chegou à velhice: muitos foram ativistas na meia-idade e continuam engajados, agora adicionando a pauta da terceira idade nas suas lutas.

Infelizmente, nem todos conseguem ou querem militar; mas mesmo os não militantes, em seu microcosmo, expressam uma forma de resistência cotidiana: “Eu faço questão de usar o crachá com a bandeira do arco-íris, ir com ele às reuniões. [...] Eu nunca escondo. [...] Eu faço questão de ser exemplo para os meus alunos, para que vejam que é possível. Mesmo que façam piada, eu estou lá, e ninguém vai me tirar.” (Caio, 48 anos). Essa declaração mostra como a militância é uma forma de afirmar a identidade de maneira pública e educativa. O corpo LGBTQIA+ que permanece nos espaços acadêmicos ou institucionais funciona como um símbolo de quebra de normas, um “corpo deslocado” (Butler, 2022), que desafia a expectativa de invisibilidade. A presença nesses ambientes ganha ainda mais importância por sua representatividade, especialmente em contextos mais conservadores.

Contudo, a efetividade dessas lutas esbarra em barreiras estruturais e institucionais. Os participantes citaram exemplos gritantes: ausência de dados populacionais, falta de políticas em saúde, ausência de preparo de profissionais.

A luta por reconhecimento se dá não apenas na macropolítica, mas no dia a dia das instituições. Há uma batalha por legitimidade, o direito de ser tratado com respeito e ter necessidades reconhecidas. Ecoando com os movimentos sociais reivindicam: inclusão explícita de orientações sexuais e identidades de gênero nas políticas de pessoa idosa e capacitação dos serviços de saúde e assistência para acolher essa população.

Um aspecto interessante é que essa busca por reconhecimento não visa somente benefícios materiais (embora também), mas tem uma dimensão simbólica e afetiva. Elias (54 anos) explicou que o que ele mais deseja é respeito intergeracional: que os mais jovens olhem para os mais velhos LGBTQIA+ com empatia, não com descaso. Ele inclusive atua como ponte entre gerações, aconselhando jovens gays. Essa interação é enriquecedora para ambos os lados além de quebrar a bolha de invisibilidade. Pesquisas como as de Fredriksen-Goldsen (2023) enfatizam que conexões comunitárias intergeracionais fortalecem a resiliência e a saúde mental na velhice queer. Ser referência para jovens, os faz sentir-se valorizados e úteis.

Velhice queer pode ser compreendida como uma categoria analítico-política que descreve formas de envelhecer as quais rompem roteiros heterocisnormativos e enfrentam o etarismo. Em vez da dessexualização compulsória, evidencia-se a reinvenção do erotismo, menos centrado na genitalidade e mais voltado à intimidade, ao afeto e à autonomia. Nessa experiência, famílias escolhidas e vínculos intergeracionais funcionam como proteção, enquanto práticas de visibilidade e reivindicação de direitos transformam trajetórias de silenciamento em reconhecimento público. Assim, a velhice queer não é apenas um recorte

demográfico, mas um horizonte de resistência e cuidado de si que demanda políticas e serviços culturalmente competentes para promover saúde e bem-estar na maturidade. O queer, portanto, não é uma defesa da homossexualidade, é a recusa dos valores morais violentos que instituem e fazem valer a linha da abjeção, essa fronteira rígida entre os socialmente aceitos e os relegados à humilhação e ao desprezo coletivo (Miskolci, 2016, p. 25).

Contudo, nem todos os homens gays idosos têm acesso a essas experiências positivas. Alguns vivem isolados e permanecem invisíveis. Os participantes reconheceram seu lugar de relativa privilégio por estarem engajados ou terem rede de amigos. Eles expressaram preocupação com aqueles “que estão escondidos e sofrendo sozinhos”. Nesse sentido, defender políticas é também falar por quem não pode falar, abraçando toda a comunidade LGBTQIA+.

“Eles acham que bicha velha tem que ficar lá no canto, e eles, os bonitinhos, são os ativos.” (Zeca, 66 anos). Essa fala demonstra o preconceito inclusive dentro da comunidade LGBTQIA+, onde há pouco espaço nos holofotes para narrativas de velhos (as paradas são dominadas pelos jovens, a mídia LGBTQIA+ foca nos jovens etc). Assim, a luta por reconhecimento se dá tanto externamente quanto internamente. Esse é um ponto crucial: envelhecer dissidentemente é também afrontar as hierarquias internas da dissidência. É exigir lugar numa comunidade que muitas vezes glorifica a imagem do gay jovem e sarado. Essa é uma mensagem política poderosa, que precisa ser amplificada.

Este eixo revelou que a invisibilidade social ainda persegue os homens gays envelhecetes em múltiplos contextos (familiares, institucionais, comunitários), mas que eles não a aceitam passivamente, ao contrário, engajam-se de diversas formas para serem vistos, ouvidos e respeitados. Seja por meio do ativismo formal ou de micro resistências cotidianas, constroem caminhos para o reconhecimento de sua cidadania plena na velhice. Isso tem implicações diretas na qualidade de vida: sentir-se reconhecido e pertencente é fundamental para o bem-estar. Como salienta Elton Bosí (2023), o corpo maduro carrega marcas simbólicas que demandam reconhecimento social e afetivo. Ignorá-las é aprofundar dores; reconhecê-las é contribuir para um envelhecimento digno. Os homens deste estudo, com suas vozes e ações, clamam exatamente por esse reconhecimento e, ao fazê-lo, pavimentam o caminho para as gerações futuras de pessoas LGBTQIA+ envelhecerem com menos obstáculos.

No quinto eixo, tratamos das redes de sociabilidade e apoio social que sustentam a qualidade de vida dos participantes, com destaque para o conceito de “família escolhida” e

as dinâmicas de amizade e comunidade. Como evidenciado nos eixos anteriores, muitos homens gays idosos não contam com as formas tradicionais de suporte. Em contrapartida, eles desenvolvem e valorizam profundamente redes alternativas de afeto e cuidado. Essas redes revelam-se essenciais para o bem-estar e para enfrentar os desafios do envelhecimento.

Entre os entrevistados, apenas Axel possui uma configuração familiar tradicionalmente reconhecida (vive com o companheiro em união estável). Os demais estão solteiros ou sem parceiro fixo, de modo que os amigos desempenham papel central. “A família que escolhi é meu lugar de pertencimento”, afirmou Léo, 53 anos. Ele narrou que, quando se afastou dos familiares de origem por não aceitarem sua orientação, foram os amigos, em sua maioria heterossexuais, que o acolheram. Esse relato ilustra que famílias escolhidas podem abranger pessoas de orientações diversas, unidas por laços afetivos fortes. Não se restringem a outros gays; às vezes, a rede de apoio de um homem gay idoso pode ser majoritariamente heterossexual, desde que haja laços de amizade e respeito. Essa integração positiva com amigos hetero não foi a regra para todos. Zeca têm redes principalmente de amigos LGBTQIA+, talvez por afinidade e experiências comuns, mas mostra que as alianças de cuidado não precisam necessariamente estar limitadas à comunidade LGBTQIA+. O importante é a qualidade do vínculo e a ausência de julgamento.

As amizades no contexto LGBTQIA+ é uma espécie de terapia coletiva, onde todos se entendem e podem falar de temas como saúde, sexualidade, lembranças, sem temor. É interessante notar que esse tipo de sociabilidade entre pares é validado pela literatura como fator protetivo: Fredriksen-Goldsen (2023) destacou que redes comunitárias voluntárias são determinantes na promoção de saúde mental e bem-estar na velhice queer. No caso do nosso estudo, vemos isso claramente: Zeca (66 anos) acredita a esse convívio uma melhora no seu humor e sentimento de pertencimento, pois diz que “ninguém julga ninguém, a gente ri das nossas desgraças e vitórias juntos”. Ato de solidariedade entre pessoas LGBTQIA+ idosas são formas autênticas de familismo eleito: reproduzem o cuidado que se esperaria de familiares consanguíneos, só que realizado por amigos/comunidade.

Uma característica notável dessas redes de amizade é a reciprocidade e horizontalidade. Diferente da estrutura familiar tradicional em que pais cuidam de filhos e depois filhos cuidam dos pais numa linha geracional vertical, as famílias escolhidas funcionam num esquema mais horizontal ou em círculos: amigos da mesma geração cuidam uns dos outros em arranjos flexíveis. Axel, 63 anos sugere a criação de condomínios para pessoas LGBTQIA+. Esse modelo habitacional pode ser uma solução para a falta de família de origem, e de fato vem sendo adotado informalmente por grupos LGBTQIA+ em vários

lugares (há registros nos EUA e Europa). No Brasil, apesar de culturalmente a expectativa de cuidado recair sobre a família sanguínea, essas novas formas de coabitação e apoio tendem a surgir conforme aumenta o contingente de idosos sem filhos/cônjuges. Assim, as famílias escolhidas podem evoluir de redes afetivas para verdadeiros arranjos domiciliares e econômicos de suporte na velhice. Ainda é incipiente, mas alguns dos nossos participantes demonstraram inclinação a isso, que pode ser também entendido como empoderamento, pois assumem controle sobre como e com quem querem viver a velhice.

Verificou-se que a sociabilidade na maturidade se expressa por múltiplos arranjos: parte dos participantes mantém rotinas ativas em espaços culturais, de lazer e voluntariado; outros, mais reservados, preservam círculos próximos e estáveis de amizade. Embora a literatura aponte alta proporção de homens gays idosos vivendo sozinhos (65%), o que pode sinalizar risco de isolamento (Santos e Araújo, 2021 p. 971), a autonomia residencial não se traduz, necessariamente, em solidão: viver só foi frequentemente valorizado como liberdade, compensada por encontros regulares com amigos e interações mediadas por tecnologia (p. ex., redes sociais e aplicativos de mensagens). Em suma, ninguém apresentou quadro de isolamento total; ao contrário, cada um mobiliza modos de convivência compatíveis com seu perfil.

Do ponto de vista do bem-estar, a manutenção e (re)construção de redes de amizade, muitas vezes configuradas como famílias escolhidas, opera como claro fator protetivo, associado a melhor adaptação e menor depressão entre idosos LGBTQIA+ (Saulo Vito Ciasca, Andrea Hercowitz, Ademir Lopes Junior, 2021). Os achados qualitativos confirmam: a resiliência e a satisfação de vida observadas decorrem, em grande medida, do apoio mútuo e do pertencimento produzidos por essas redes.

Naturalmente, nem tudo são flores. Ocorre desafios nas redes de amizade também: divergências, perdas e distanciamentos. Com o avançar da idade, já presenciaram amigos próximos falecerem (especialmente devido à AIDS nas décadas passadas e COVID nos últimos anos). Cada perda é sentida intensamente, pois muitas vezes aquele amigo era o confidente ou quase um parceiro de vida. Isso relembra que as famílias escolhidas são fluidas e podem se desfazer pela mortalidade, exigindo reformulação. Essa flexibilidade e renovação das redes é algo a se considerar: ao contrário de laços familiares consanguíneos, as amizades podem mudar com circunstâncias. Por isso, a capacidade de criar novos laços mesmo na meia-idade/velhice é importante. Felizmente, muitos LGBTQIA+ parecem ter essa habilidade desenvolvida, pois ao longo da vida precisaram formar famílias alternativas. Mesmo assim, não deixa de ser um ponto de vulnerabilidade: se a saúde decair e a capacidade

de manter contato diminui, corre-se o risco de isolamento. Por isso, alguns mencionaram que idealmente gostariam de ter acesso a centros de referência ou serviços onde pudessem continuar socializando quando mais velhos. Tais iniciativas engatinham, mas ao menos constam dos anseios.

Constatamos que as redes de apoio informais, em especial as amizades e comunidades, são talvez o maior trunfo que esses homens gays possuem para assegurar sua qualidade de vida no envelhecimento. Nas palavras de Veiga (2025), a construção de “famílias escolhidas” sustenta pertencimento e autocuidado, revelando-se uma estratégia fundamental de sobrevivência e bem-viver para as velhices dissidentes. Essas redes atenuam os efeitos da solidão, suprem carências afetivas e materiais, e reforçam identidades. São verdadeiros sistemas de cuidado alternativos que emergem da agência coletiva quando as estruturas familiares tradicionais falham ou são ausentes. Valorizar, manter e fortalecer essas redes é, sem dúvida, caminho imprescindível para promover envelhecimento saudável. Isso implica, inclusive, que políticas públicas deveriam apoiar iniciativas comunitárias, financiar centros de convivência inclusivos e combater discriminações que fragilizem esses laços. Pois, no final das contas, como um participante resumiu bem, “amigos são a família que a vida me permitiu ter, e é graças a eles que eu continuo de pé” (Zeca, 66 anos).

Por fim, o último eixo aborda a como a finitude entre homens gays idosos articula com o medo do abandono, busca de sentido e reconexões espirituais, em contextos marcados por trajetórias de exclusão e vínculos não hegemônicos. A forma como sociedades reconhecem (ou ignoram) experiências e biografias informam seus modos de enfrentar a morte (Norbert Elias, 2001 p. 108). Nos relatos, a finitude convoca tanto a vulnerabilidade quanto projetos de continuidade simbólica, dignidade e reconhecimento.

Evidenciou-se um temor persistente de dependência e abandono na velhice, mesmo entre participantes com redes de apoio ou descendentes, diante da percepção de que tais arranjos não asseguram cuidado de longa duração em contextos de maior fragilidade. A incerteza é agravada pelo pioneirismo geracional: homens gays que envelhecem carecem de referências sobre a fase de dependência física em cenários ainda marcados pela heteronormatividade institucional. Assim, a angústia diante do fim diz menos respeito à morte em si e mais ao risco de carecer de cuidado e companhia no ocaso da vida, sobretudo quando as redes familiares de origem foram frágeis ou se romperam ao longo do curso de vida (Vieira 2024; Ian Ferreira Melo, 2022).

“A morte é o que mais me preocupa hoje, não a velhice. Parece que estou em um campo minado, sem saber quando vai explodir. Não sei quem vai cuidar de mim, quem vai estar lá.” (Axel, 63 anos)

Observam-se estratégias de enfrentamento ancoradas no planejamento antecipado: provisão financeira, adequação habitacional, contratação prévia de cuidadores com competência cultural e fortalecimento de comunidades de pertencimento como redes de cuidado. Tais práticas contestam o estereótipo de que pessoas idosas LGBTQIA+ “vivem um dia de cada vez” e evidenciam um pragmatismo preventivo a ser fomentado por políticas públicas, educação para o planejamento do cuidado de longa duração, expansão de serviços inclusivos, implementação de protocolos de competência cultural e apoio a arranjos comunitários. A centralidade relacional da finitude, assim delineada, explicita lacunas institucionais e a urgência de modelos que reconheçam configurações familiares não normativas e redes eletivas na velhice LGBTQIA+ (Vieira, 2024)

Outro assunto dentro da finitude é o legado e a memória. Alguns participantes, desejam deixar um legado às próximas gerações LGBTQIA+. Zeca (66 anos) quer escrever suas memórias em um livro; Elias, 54 anos, quer formar jovens líderes religiosos. Há um senso de transmissão: eles não querem que suas histórias morram com eles. Isso está em consonância com a ideia de “*geratividade*” de Erikson, a fase em que idosos buscam orientar a geração seguinte. No caso de minorias sexuais, essa geratividade assume forma de militância ou testemunho. É uma perspectiva de futuro: dedicar parte do tempo restante para educar, inspirar e preparar os jovens para que envelheçam melhor do que eles. Essa atitude confere propósito e contribui para a autoestima, pois percebem que mesmo na velhice podem contribuir ativamente para a sociedade e sua comunidade. Os depoimentos enfatizam a exigência de dignidade narrativa e respeito às identidades no fim da vida: reconhecer histórias, afetos e escolhas é condição ética para morrer sem apagamento (Axel Honneth 2003; Paul Ricoeur, 2008).

A finitude, para homens gays idosos, é campo de disputas por cuidado, sentido e reconhecimento. O medo do abandono convoca políticas e práticas clínicas/paliativas que integrem identidades e redes eletivas; as espiritualidades inclusivas oferecem reparação moral e serenidade; e o desejo de uma morte digna requer protocolos de respeito às expressões identitárias em vida e em luto. Assim, o fim da vida deixa de ser mero desfecho biológico para tornar-se último ato de afirmação, onde memória, afeto e cidadania se entrelaçam (Elias, 2001 p.108; Tyler Mark Fair, 2021 p.590; Lilian Robinson, Cam Matamoros, 2024 p. 69; Showkat Ahmad Wani, 2024 p. 12).

## Considerações Finais

O estudo qualitativo investigou homens gays  $\geq 40$  anos, examinando como articulam sexualidade, redes de sociabilidade e qualidade de vida no envelhecimento. As narrativas revelam um quadro ambivalente: persistem adversidades, repressão identitária na juventude, homofobia, etarismo e escassez de suporte institucional, mas emergem estratégias consistentes de resistência e reinvenção. Destacam-se a ressignificação da sexualidade como linguagem de autenticidade e prazer na maturidade, a centralidade de redes de amizade e “famílias escolhidas” no sentido de pertencimento, práticas de autocuidado físico, mental e espiritual como vetores de autonomia e bem-estar, e ações cotidianas de visibilidade para afirmar direitos. Observa-se transformação de trajetórias, em que erotismo, afeto e identidade passam de campos de culpa a fontes de satisfação e orgulho. A qualidade de vida percebida associa-se fortemente ao suporte social e ao reconhecimento: amigos, comunidade e/ou companheiro elevam o bem-estar em comparação ao envelhecimento solitário

A noção de “dignidade no envelhecer” para homens gays revelou-se associada a não precisar esconder-se, ter redes de apoio e ter reconhecimento social. Quando esses elementos estão presentes, mesmo adversidades ou perdas podem ser enfrentadas com maior resiliência. Caso contrário, o risco de isolamento e sofrimento se agrava, um alerta que as políticas públicas deveriam levar em conta.

Do ponto de vista teórico, a articulação entre gerontologia crítica, estudos de gênero/queer e interseccionalidade mostrou-se particularmente fecunda para evidenciar que as vivências de homens gays idosos não se explicam pela “idade” isoladamente: são atravessadas por gênero, sexualidade, história geracional, raça e classe, que modulam privilégios e vulnerabilidades. Mesmo com foco comum (homens gays 40+), a heterogeneidade intragrupo emergiu com nitidez, recomendando cautela contra generalizações; as velhices dissidentes são plurais.

Metodologicamente, a abordagem qualitativa com escuta sensível mostrou-se adequada para captar camadas de sentido historicamente silenciadas; narrar constituiu, para muitos, um ato de afirmação subjetiva. A saturação teórica atingida com cinco casos reforça que amostras pequenas, quando intencionalmente diversas, podem revelar núcleos recorrentes e oferecer contribuições substantivas. Reconhecem-se, entretanto, limitações: o recorte privilegiou experiências cisgênero e circunscreveu-se a um contexto urbano do Sul do Brasil, o que desaconselha extrapolações automáticas para realidades rurais ou de outras regiões culturais. Tais restrições não invalidam os resultados, mas exigem prudência interpretativa e indicam a necessidade de ampliar escopos e contextos em estudos futuros.

Diante do exposto, impõe-se uma agenda de pesquisa ampliada e multimetodológica. No plano populacional, é urgente incorporar marcadores de orientação sexual e identidade de gênero em inquéritos nacionais, de modo a dimensionar a população LGBTQIA+ idosa e orientar políticas baseadas em evidências. Em paralelo, devem avançar estudos qualitativos em profundidade que capturem a heterogeneidade intragrupo, com atenção a contextos rurais, experiências de homens gays vivendo com HIV, trajetórias bissexuais e velhices trans, entre outros recortes. Recomenda-se, ainda, investir em desenhos longitudinais e mistos capazes de acompanhar mudanças ao longo do curso de vida e testar hipóteses sobre determinantes de bem-estar. Por fim, pesquisas-intervenção, preferencialmente participativas, devem conceber, implementar e avaliar dispositivos concretos (grupos de apoio psicossocial, arranjos de habitação colaborativa, programas inclusivos de preparação para aposentadoria e redes de cuidado culturalmente competentes), utilizando avaliações rigorosas de processo e de efeitos. Tais caminhos podem subsidiar políticas públicas inovadoras e intersetoriais, capazes de reduzir desigualdades e promover um envelhecer digno para masculinidades dissidentes.

No âmbito das políticas e práticas profissionais, recomenda-se: (a) Formação continuada de profissionais de saúde, assistência social e cuidadores para sensibilização quanto às vivências LGBTQIA+ na velhice, desde incluir conteúdos nos currículos universitários até treinamentos em serviços, de modo que os profissionais saibam abordar sem preconceitos um paciente idoso LGBTQIA+ (b) Desenvolvimento de serviços e espaços seguros: apoiar a criação de centros-dia ou lares temporários voltados a idosos LGBTQIA+ expulsos ou sem apoio, seguindo exemplos internacionais de casas de repouso LGBTQIA+; (c) Inserção da temática nas políticas gerais de idosos: rever o Estatuto do Idoso e políticas nacionais para incluir menção explícita à diversidade sexual e de gênero, garantindo, que casas de acolhimento tenham diretrizes anti-discriminação e permitam convivência de casais homoafetivos, essas medidas garantem direitos básicos de cidadania no envelhecimento dissidente; (d) Campanhas de conscientização públicas voltadas a combater o preconceito contra idosos LGBTQIA+, mostrando histórias positivas de velhices dissidentes e educando tanto o público geral quanto a própria comunidade idosa.

O estudo evidenciou que envelhecer como homem gay no Brasil contemporâneo implica transitar por tensões estruturais, invisibilidade/visibilidade, perdas/ganhos, opressão/liberdade, sem que isso esgote a agência dos sujeitos. As narrativas analisadas mostram vidas tecidas por afeto, prazer, espiritualidade e sentido, desafiando simultaneamente o estereótipo do idoso assexuado e a caricatura do “gay obcecado por

juventude”. Revelam-se trajetórias complexas e críticas, marcadas por reinvenção identitária e pela centralidade das redes de apoio. Em contrapartida, permanecem déficits sociais e institucionais que obstaculizam um envelhecer pleno, reforçando a necessidade de políticas intersetoriais e ambientes de cuidado culturalmente competentes.

Garantir dignidade e reconhecimento às velhices dissidentes é imperativo de justiça social e indicador de civilidade pública: a forma como tratamos hoje esses corpos e histórias projeta o horizonte possível para as próximas gerações, entre o apagamento e o orgulho. À luz dos achados e da voz dos próprios participantes, reafirma-se o compromisso com inclusão, respeito e cuidado. Como lembra a epígrafe de Sêneca citada por Riscaroli (2016 p. 36): “Quando a velhice chegar, aceita-a, ama-a. Ela é abundante em prazeres se souberes amá-la.” Que possamos construir condições para que homens gays, e todas as pessoas, amem e sejam amados na velhice, colhendo os direitos e prazeres de uma vida digna.

## Referências

ALVES, Mateus Egilson da Silva; NOBRE, Nicole de Sousa; BARBOSA, Paulo Henrique Oliveira. A velhice LGBTQIA+ e suas perspectivas em um olhar psicossocial. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE ENVELHECIMENTO HUMANO – CIEH**, 7., 2023, Mossoró. Anais... Mossoró: UERN, 2023. p. 1420-1432. (Perspectivas e desafios do cuidado em saúde na contemporaneidade). ISBN: 978-85-61702-73-1. DOI: 10.46943/X.CIEH.2023.01.089.

BORTOLETTO, Guilherme Engelman. **LGBTQIA+: identidade e alteridade na comunidade**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão de Produção Cultural) — Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: [https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme\\_engelman\\_bortoletto.pdf](https://paineira.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/guilherme_engelman_bortoletto.pdf). Acesso em: 8 out. 2025.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Pesquisa Nacional de Saúde: 2019: orientação sexual auto identificada da população adulta**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022.

BRITO, Leandro Teofilo de. Da masculinidade hegemônica à masculinidade queer/cuir/kuir: disputas no esporte. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 2, e79307, 2021. DOI: 10.1590/1806-9584-2021v29n279307.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. 1ª. ed. Editora Crocodilo, São Paulo, 2019.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Tradução de Alexia Bretas. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2022

CIASCA, Saulo Vito; HERCOWITZ, Andrea; JUNIOR, Ademir Lopes. **Saúde LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar**. 1. ed. São Paulo: Editora Manole, p.604, 2021.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice. Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**, São Paulo, EDUSP, 2004,

DUARTE, Gustavo de Oliveira. **O “Bloco das Irenes”: articulações entre amizade, homossexualidade(s) e o processo de envelhecimento**. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/71278>. Acesso em: 15 set. 2023.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p.108. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/A\\_Solid%C3%A3o\\_dos\\_Moribundos/z3HTDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0](https://www.google.com.br/books/edition/A_Solid%C3%A3o_dos_Moribundos/z3HTDwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=0). Acesso em 03 mai. 2024.

FAIR, Tyler Mark. Lessons on older LGBTQ individuals' sexuality and spirituality for hospice and palliative care. **American Journal of Hospice & Palliative Care, Thousand Oaks**, v. 38, n. 6, p. 590-595, jun. 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1049909120978742>. Acesso em: 03 jul. 2024.

FERNANDES-ELOI, Juliana; LIMA, Aluísio Ferreira de; DANTAS, Anne Joyce Lima. Ageismo e sexismo contra lésbicas: subversões identitárias e de sexualidades na velhice. **Psicologia e populações vulnerabilizadasbook.indb**. 2024. p. 143–162.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, Karen I. Blueprint for future research advancing the study of sexuality, gender, and equity in later life: lessons learned from Aging With Pride, the National Health, Aging and Sexuality/Gender Study. **The Gerontologist**, v. 63, n. 2, p. 373-381, 2023. DOI: 10.1093/geront/gnac146. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/36254775/>. Acesso: em 26 mai. 2024.

GOMES, Hiago Veras et al. Envelhecimento de homens gays brasileiros: Representações Sociais acerca da velhice LGBT. **Psychologica**, [S. l.], v. 63, n. 1, p. 45-64, 2020. DOI: 10.14195/1647-8606\_63-1\_3.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

IACUB, Ricardo; ARIAS, Claudia J.; MANSINHO, Mariana; WINZELER, Martín; VAZQUEZ JOFRE, Rocio. Sociocultural changes and the construction of identity in lesbian and gay elderly people in Argentina. **The International Journal of Aging and Human Development**, v. 88, n. 4, p. 341–357, 2019.

LE BRETON, David. **Sociologia do corpo**. Petrópolis: Vozes, 2007. 2ª EDIÇÃO Traduzido por Sônia M.S. Fuhrmann disponível em: [https://www.academia.edu/26029400/A\\_sociologia\\_do\\_corpo\\_David\\_Le\\_Breton#los-wp-work-container](https://www.academia.edu/26029400/A_sociologia_do_corpo_David_Le_Breton#los-wp-work-container). Acesso em: 13 out. 2024.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Editora Autentica. 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 541–553, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012> Acesso em: 01 set. 2023.

MELO, Iran Ferreira de. **Sociabilidades iniciais e primeira onda dos ativismos lgbtqia+ contribuições para a constituição do movimento social no Brasil**, p. 54-68. In: MEIRA, Célio Silva; FERREIRA, Lucas Aguiar Tomaz. Gênero, Sexualidade e Identidade em suas diferentes análises. Belo Horizonte: Editora Poisson, 2022. Disponível em: [https://poisson.com.br/livros/individuais/Genero\\_Sexualidade/Genero\\_Sexualidade.pdf](https://poisson.com.br/livros/individuais/Genero_Sexualidade/Genero_Sexualidade.pdf) Acesso em: 5 out. 2024.

MEYER, Ilan H. Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 129, n. 5, p. 674-697, set. 2003. DOI: 10.1037/0033-2909.129.5.674

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Hucitec, 2009.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. rev. e ampl., 3. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP – Universidade Federal de Ouro Preto, 2016. - (Série Cadernos da Diversidade; 6)

OPAS - ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Relatório de progresso sobre a Década do Envelhecimento Saudável das Nações Unidas, 2021-2023**. <https://www.paho.org/pt/decada-do-envelhecimento-saudavel-nas-americas-2021-2030>. Acesso em: 01 dez. 2023

POCAHY, Fernando Altair. Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 357-376, 2012.

FREDRIKSEN-GOLDSSEN, Karen I. Resilience and disparities among lesbian, gay, bisexual, and transgender older adults. **Public Policy & Aging Report**, v. 21, n. 3, p. 3-7, 2011.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2008 1ª edição.

RISCAROLI, Eliseu. Envelhecimento e sexualidade: perspectivas, políticas e desafios para os homossexuais masculinos. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, v.7, n.1, p.36-45, 2016.

ROBINSON, Lilian; MATAMOROS, Cam. Applied patient-level palliative care interventions designed to meet the needs of sexual and gender minorities: a scoping review and qualitative content analysis of how to support sexual and gender minorities at end of life. **Palliative Medicine**, London, v. 38, n. 1, p. 69-84, jan. 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38062858/>. Acesso em: 5 fev. 2025.

ROCHA, Gabriel Guimarães; GOMES, Jackellyne Alves Peres; FERNANDES, Viviane Lemos Silva. Sexualidade na terceira idade: tabus e realidade. **Revista Educação em**

**Saúde**, Anápolis, v. 9. 112, 2021. Disponível em <https://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoemsaude/article/view/5095/3948>. Acesso em: 24 fev. 2025.

RUBIN, Gayle. **Pensando o sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1989. p. 71-103.

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. Envelhecimento masculino entre idosos gays: suas representações sociais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 971-989, set./dez. 2021. DOI: 10.12957/epp.2021.62693.

VEIGA, Sirlene Mathias da. **A vivência da sexualidade de adultos LGBTQIAPN+ e sua relação com a sociabilidade e qualidade de vida**. 2025. 172 f. Dissertação (Mestrado em Gerontologia) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2025.

VIANNA, Adriana.; LACERDA, Paula. **Direitos e políticas sexuais no Brasil o panorama atual**. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional de Editores de Livros, 2004 disponível em: <https://www.clam.org.br/uploads/arquivo/doc%20completo.pdf> Acesso em 01abr2024

VIEIRA, Priscila (coord.). **Envelhecimento e cuidado LGBT+ [livro eletrônico]**. 1. ed. São Paulo: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP); Itaú Viver Mais, 2024. ISBN 978-65-86362-33-6. Disponível: [https://www.itauvivermais.com.br/wpcontent/uploads/2024/10/Publicacao\\_Envelhecimento\\_Cuidado\\_LGBT\\_CEBRAP.pdf](https://www.itauvivermais.com.br/wpcontent/uploads/2024/10/Publicacao_Envelhecimento_Cuidado_LGBT_CEBRAP.pdf). Acesso em: 01 mar. 2025.

WANI, Showkat Ahmad. Reconhecimento Legal de LGBTQIA+: uma Disputa entre a Moralidade Popular e a Moralidade Constitucional. **GLS Law Journal**, v. 6, n. 2, p. 12-20, 23 de agosto de 2024. Disponível em: <https://glslawjournal.in/index.php/glslawjournal/article/view/133>. Acesso em: 01 mai. 2025.

WEEKS, Jeffrey. **Sexuality and its discontents: Meanings, myths, and modern sexualities**. London: Routledge & Kegan Paul, 1985.

WESTON, Kath. **Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship**. New York: Columbia University Press, 1991.

Recebido em setembro de 2025.

Aprovado em outubro de 2025.